

Tubarão com a faca nas costas

crônicas



LITERATURA
PARA TODOS

Cezar Dias

Tubarão com
a faca nas costas

I Concurso Literatura para Todos

Consultora Pedagógica

Ira Maciel

Comissão de Pré-seleção das Obras

Cristiane Costa

Heitor Ferraz Mello

Júlio César Valladão Diniz

Maria da Luz Pinheiro de Cristo

Comissão Julgadora

Antônio Torres

Heloisa Jahn

Jane Paiva

Lígia Cademartori

Magda Soares

Marcelino Freire

Milton Hatoum

Moacyr Scliar

Rubens Figueiredo

**Ministério
da Educação**

Esplanada dos Ministérios

Bloco L – 7º andar – Sala 710

litteraturaparatodos@mec.gov.br

www.mec.gov.br

Tubarão com a faca nas costas

crônicas

Cezar Dias

1ª Edição

Brasília – 2006



LITERATURA
PARA TODOS

Título original: Tubarão com a faca nas costas

Autor: Cezar Dias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

D541 Dias, Cezar.
Tubarão com a faca nas costas / Cezar Dias. –
Brasília : Ministério da Educação, 2006.

88 p. : il. ; 18 cm. -- (Coleção literatura para todos ; v. 3)

ISBN: 85-296-0045-2

1. Crônica brasileira. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.8
CDU 821.134.3(81)-94

Ano 2006

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros sem autorização prévia por escrito do Ministério da Educação ou do autor.

Índice

Apresentação	8
Prefácio	10
Tubarão com a faca nas costas	15
Na fila, um velhinho	18
O uruguaiozinho	22
Jesus e o feriado	25
<i>Gauche</i> na vida	29
Os nossos amigos	33
Pâncreas & literatura	36
Lembranças	39
Peguei uma criança	41
Quando o gosto pela leitura	45
Ganhei o Drummond	48
Dona Santa Eduvirgens	50
Sobre memória & talento	52
Crônica de domingo	55
Texto para uma saudade	59
Alguns paradoxos	62
Gestos	64
As vidas de Fred	67
Crônica (quase) policial	70
Olhos de escritor	73
O enforcado	77
Entrevista com o autor	80

Carta ao leitor

Caras leitoras e caros leitores,

É com enorme satisfação que apresento a Coleção Literatura para Todos, pensada e escrita especificamente para vocês, alunos e alunas do Programa Brasil Alfabetizado e alunos e alunas que estão dando continuidade a seus estudos nas salas de aula de educação de jovens e adultos.

Esta coleção, composta por dez livros – poesia, conto, novela, crônica, tradição oral, biografia e peça teatral –, é fruto de um concurso nacional lançado em 2005 pelo Ministério da Educação. As obras foram escolhidas entre os mais de dois mil textos submetidos à comissão julgadora. Muitas pessoas foram envolvidas no processo de criação, o que representou um verdadeiro mutirão, um esforço coletivo. Mas quais os motivos que levaram o Ministério a realizar o Concurso Literatura para Todos e agora lançar a Coleção Literatura para Todos?

A primeira resposta é dada pelo próprio título do concurso e da coleção – Literatura para Todos. O Ministério acredita que o acesso ao livro e à leitura é um direito de todos. Nós todos temos o direito de ler e ter acesso a livros

da mesma forma que a Constituição Federal nos garante o direito à educação. Por isso, em 2003, o governo criou o Programa Brasil Alfabetizado, para garantir, aos jovens e adultos que nunca tiveram esse direito, a oportunidade de aprender a ler, escrever e fazer as operações matemáticas básicas.

Acima de tudo, o Ministério foi motivado por acreditar que o acesso ao livro e a criação do hábito de leitura são essenciais para fortalecer a nossa cidadania e também como alicerce para outras aprendizagens. A leitura nos permite entender melhor o mundo a nossa volta e conhecer melhor também quem somos nós. Por meio da leitura, ganhamos acesso a outras informações e novos conhecimentos.

A Coleção Literatura para Todos visa, assim, oferecer um conjunto de livros, produzido com muito carinho e zelo, que proporcionará a vocês leitores um grande prazer – o prazer de ler, de viajar, de criar e de fazer parte de uma nova comunidade: a de leitores. Pelo menos, é assim que esperamos. Brasil, país de todos – Brasil, comunidade de leitores!

Prefácio

Se há gênero que pode ser classificado como eminentemente brasileiro é a crônica. Deixando de lado a erudição do ensaio ou a objetividade do artigo jornalístico, a crônica nos fala do cotidiano das pessoas; é a continuação, no texto, da conversa de mesa de bar, tão característica de nosso país como o carnaval e o futebol. Não é de admirar, portanto, que no Brasil tenhamos cronistas ilustres, a começar por Machado de Assis, que foi, sim, um infatigável colaborador de jornais, e continuando com Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Luís Fernando Verissimo.

Às vezes intimista – uma lírica, poética, meditação sobre o cotidiano das pessoas –, às vezes bem-humorada, irônica ou satírica, a crônica afirmou-se no Brasil, ainda que o jornal, o espaço ao qual sempre esteve ligada, tenha mudado, tornando-se mais objetivo, privilegiando a notícia, a análise e o comentário sob forma de coluna. Apesar disso, os grandes veículos conti-

nuam recorrendo à crônica como um respiradouro, uma brecha na massa não raro sufocante de notícias. A crônica, com seu característico de mensagem pessoal, humaniza o veículo.

Essas reflexões são suscitadas pela leitura de *Tubarão com a faca nas costas*. Uma leitura que de imediato nos dá uma certeza: o gaúcho Cezar Dias tem a vocação do cronista. Seus curtos e sintéticos textos têm tudo aquilo que se espera encontrar numa crônica. Ali está o retrato sensível e arguto do cotidiano. Ali está a empatia para com as pessoas, mesmo humildes, mesmo desconhecidas (ou exatamente por serem humildes, desconhecidas).

A crônica que dá título à obra fala de duas situações na qual o autor faz agressivo uso de uma faca, uma vez enfrentando um assaltante, em outra se defendendo de um cão chamado *Shark* (o tubarão do título). O que acaba resultando em sentimento de culpa: “...o dia, esse ficou capenga, esquisito”. Já a crônica *Peguei uma criança* reflete uma situação bem diferente. Começa assim: “Peguei uma criança no colo. Foi em Capão da Canoa, por volta das dez

da noite de uma quinta-feira. Uma mulher chegou com os dois filhos pequenos na parada onde me encontrava”. Entram no precário veículo a mulher, as crianças, o autor e a namorada. O ônibus, de praia, é aberto dos lados. “Por isso, porque senti medo de que a criança caísse no meio da rua, e porque também me deu uma bruta vontade, puxei o menino para mim e o coloquei no meu colo”. Chegam ao destino, a mulher se vai, com as crianças. Mas o incidente marcou o autor. “Já em casa e durante algumas horas daquela noite, conversamos sobre aquele colo e sobre um filho”. E conclui: “Acho que também sou um necessitado”.

O que temos aí é uma análise, em miniatura, da própria condição humana, que constantemente retorna à infância. *Peguei uma criança*, nos mostra o texto, equivale a um reencontro com a criança que um dia todos fomos, e que persiste em nós como uma lembrança e como uma promessa, a promessa da paternidade ou da maternidade a garantir a nossa continuidade. Mas vejam: tudo isso descrito de forma simples, ainda que lírica, poética. Ou seja: é

a crônica na sua melhor expressão. O que nos faz recomendar, com o maior entusiasmo, a leitura deste *Tubarão com a faca nas costas*.

Moacyr Scliar

Comissão Julgadora

I Concurso Literatura para Todos



Tubarão com a faca nas costas

Duas vezes aponteí uma faca para alguém. A primeira, lembro-me nítido, foi na madrugada em que o Brasil jogou contra a Inglaterra, pelas quartas-de-finais da Copa do Mundo de 2002. Quando abri a porta de casa, embriagado de cuba-libre e cerveja, meu pai, com uma cara que não consigo descrever, disse: “estamos sendo assaltados”. O ladrão, sujeito grande, mas vesgo de drogado, ao me ver decidiu pegar o que já estava à mão e sair por onde entrei. Depressa fui à cozinha, apanhei da gaveta uma faca e corri escada abaixo atrás dele. Não foi difícil alcançar: ele estava atrapalhado com a bolsa de viagem numa das mãos e o aparelho de som na outra. Aponteí-lhe a faca sei lá com que intenção; para não ser pego, ele jogou em cima de mim o que pretendia roubar e saiu correndo rumo à escuridão de uma ruazinha próxima.

Mesmo voltando para casa com todas as coisas que o ladrão quisera levar quase intactas (o aparelho de som estava um pouco

avariado), fiquei assustado com a possibilidade de esfaqueá-lo. Lembro que pensei em como teria me sentido se tivesse, realmente, *furado* aquele sujeito. “Mal”, foi a resposta que me dei. Porque não faz parte da minha índole tal gesto.

Tubarão em
inglês.

Porém, esses dias apontei de novo uma faca para alguém. Na verdade, para um cachorro. Mas chamo-o “alguém” porque ajudei a criá-lo. Trata-se do *Shark*, o *bull terrier* da filha da minha namorada. Ele, que sempre foi dócil enquanto filhote, de uns meses para cá, mesmo me vendo com bastante frequência, vinha se mostrando agressivo, rosnava e até tencionou me morder algumas vezes.

Foi por um descuido – ele deveria estar sempre preso – que o bicho entrou na cozinha, onde me encontrava tomando café, e se pôs a rosnar do meu lado e a investir contra mim, quase me mordendo o rosto e arranhando-me nos braços e costas. Depois, quando finalmente consegui ficar de pé, ele parou na minha frente, latindo com ferocidade e querendo me morder. Então, vi em cima da mesa uma faca, pequena, dessas que usamos para empurrar a comida para

cima do garfo. E para a minha tristeza, a dele e a da minha namorada, não só apontei-lhe a dita. Como ele veio para cima de mim com patas e dentes, cravei-a em seu cangote.

Não gostei nada de ter feito isso, mas na hora não consegui pensar noutra coisa. Pobre bicho. Com a lâmina inteira cravada em sua carne, acalmou-se e foi choramingando para baixo da mesa. Logo depois voltou para o quintal, de onde não deveria ter saído.

Agora ele está bem. A lâmina, retirada pelas mãos bondosas da minha namorada, não perfurou nenhum órgão vital nem lhe rompeu qualquer importante veia. Mas o dia, esse ficou capenga, esquisito. E tínhamos acordado com o espírito preparado para a comilança, para a música e para as boas risadas que um sábado agradável pede.

Na fila, um velhinho

Eram 5 da manhã quando o relógio despertou. Pulamos do pequeno colchonete que há na precária casa emprestada de um amigo, nos vestimos e, sem café nem nada, saímos para tentar uma ficha para o dermatologista, no posto de saúde da Avenida João Pessoa. É que, já faz um tempo, apareceu uma alergia no rosto da Maira. Uma alergia que a deixa com cara de não-Maira. Que incomoda, talvez, mais a mim do que a ela.

Mas não. Acho mesmo que incomoda mais a ela, porque na rua, indo para onde tínhamos de ir, ela parecia com tanta vontade de chegar e entrar na fila que, num determinado momento da caminhada, olhou um pouco brava para mim e disse: “parece que tu estás passeando. Se eu te acompanhar, vou dormir em pé ou acabar perdendo lugar na fila”. E era verdade: minhas pernas, àquela hora, nem que eu quisesse iam conseguir andar mais rápido.

Quando vi, ela já estava a uns bons metros à minha frente. Mas fui, meio que a cui-

dando de longe, seguindo no meu passo, às cinco e meia da manhã.

Fila de posto de saúde, como qualquer um pode imaginar, é uma tristeza. Aquela não estava diferente. Os primeiros a chegar encontravam-se deitados no chão, dormitando desconfortáveis; outros tinham ajeitado com um caixote de madeira uma mesa para descansar seus copos e a térmica do café; outros mais, sentados junto à grade do prédio, esperavam, inexpressivos, a distante hora da distribuição das fichas.

Mas um velhinho que entrou na fila atrás de nós se destacava. Parecia ter vindo do interior, e estava tão acordado que contrastava com todos ali. Enquanto a maioria se preocupava com o “será que vou conseguir uma ficha?”, ele chamou a atenção comentando o tamanho de um pé de mamão que nascera no pátio da casa vizinha ao posto.

“Nunca vi um desse tamanho”, disse mais para si mesmo. Uma boa parte da fila virou-se. Ele continuou, falando agora também para nós: “e tem um mamãozinho lá em cima”. Não sei como ele conseguia ver a fruta – parecia ter uns 70 anos, e a luz daquela

Dormir
levemente;
cochilar; estar
ou ficar meio
adormecido.

hora ainda não era propícia. Depois nos disse outras frases bonitas de se ouvir naquela fila horrível de se estar: “como é que vão fazer para tirar ele dali? Eu gosto desse tipo de mamão”. Ou: “é, esse pé não teve medo de crescer. Não se encabulou”.

Ainda contou que viu a famosa enchente de 1941, em Porto Alegre. “Foi um horror. Mas até que não morreram muitos. Ainda sei de cor quantos foram: só 3.200 pessoas”, brincou. Na época tinha 16 anos: “Nasci em 1925”, disse, “vou fazer 81”. Também falou de Getúlio e outros presidentes, das vilas onde morou e que hoje não existem mais. Mas em nenhum momento foi chato, pedante, como podem ser tantos outros da mesma idade.

Só deu uma reclamadinha – afinal falo de um ser humano – quando já estava perto de receber sua ficha. “Ah, gente na minha idade devia entrar direto!”. Por fim, recebeu o papel que lhe dava direito a uma consulta após as 13 horas.

Comentei mais tarde com a Maira que, seja lá o especialista que esse senhor tinha ido consultar, o médico só poderia dizer: “vá para casa, seu Antônio. Não tem mais

nada lhe incomodando. Volte para o seu sítio lá em Viamão e cuide bem do seu mameiro”. Tomara!

O uruguaiozinho

Quando guri, a bola era um ímã. Bastava entrar com ela num campinho para a gurizada aparecer. Por causa dela, arrebanhei muitos amigos. E lá no prédio onde cresci, na cidade de Caxias do Sul, fiz minhas melhores amizades é claro que me utilizando da bola. Era só pegá-la e sair correndo escada abaixo que todos aqueles meninos entre nove e onze anos que moravam no prédio vinham também.

Exercícios
escolares; deveres
de casa.

Tipos de dribles
no futebol.

Depois do par-ou-ímpar para escolher os times, jogávamos até que uma de nossas mães gritasse lá de cima para subirmos já – a que horas íamos fazer nossos temas?! Mas enquanto ninguém aparecia na janela para nos interromper, era drible para cá e para lá, chapeletas, meias-luas e janelinhas. Um era Zico, outro, Falcão, e assim por diante. E quando uma falta era marcada, quem a cobrasse tinha de se chamar Éder, nem que precisasse trocar de nome.

Então, numa tarde, à porta do pátio onde jogávamos, ele apareceu. Tinha as meias

quase nos joelhos, uns tênis de marca diferente, era louro e trazia, debaixo do braço, uma bola. Tratava-se de Álvaro Alejandro Perez Gabito, um uruguaiozinho de nove anos que tinha vindo morar no prédio por aqueles dias. E a bola que ele trazia... que bonita era! Amarela, com uns gomos pretos. Fomos até ele e perguntamos se queria jogar. “*Sí*”, respondeu em espanhol.

Não sei se porque ele quis ou se foi nossa habitual falta de tato, mas o Álvaro (ele pronunciava *Álbaro*) acabou indo para o gol. Enquanto Zico tabelava com Sócrates, que passava de calcanhar para Batista, que de primeira lançava Falcão, o arqueiro da seleção uruguaia, Rodolfo Rodríguez, nos mirava cheio de pose embaixo das traves da única goleira existente no pátio.

Nosso novo amigo não tinha o menor jeito nem para defender, nem – descobrimos depois – para ficar na linha. Ainda assim gostamos dele e da bola amarela e preta – cores do Peñarol, time pelo qual torcia lá no Uruguai.

Hoje, não sei que fim levou o Álvaro. Nem que fim, aliás, levaram os outros. Sei que vim para Porto Alegre e fui estudar Letras.

E na faculdade acabei fazendo mais amigos. O ímã de agora é um objeto que, embora bem menos popular que a bola, sempre chama a atenção: o livro.

Volta e meia nos reunimos num bar ou na casa de sei lá quem para festejar a literatura. Lemos algo que julgamos interessante, comentamos sobre uma edição diferente que chegou ao sebo de nossa preferência ou pegamos emprestado aquele título que ainda não tivemos condição de comprar, mas que está dando sopa na estante do amigo.

E, mesmo sem muito tempo, embora já com bastante tempo no corpo, batemos, bem de vez em quando, uma bolinha. Quando isso acontece, constato que ainda há entre mim e a bola algo de ímã. Sabe como é: ela vem, bate na minha canela e corre para longe. Somos ímãs com pólos invertidos.

Jesus e o feriado

Vou falar sobre assuntos que têm a ver com a Páscoa. Jesus Cristo, por exemplo, é um desses assuntos.

Há muitos anos, assisti a um filme chamado *A última tentação de Cristo*. Numa das primeiras cenas – se não me engano era ainda no início – Jesus diz a um pequeno grupo de pessoas que o amor é o que deve reger o mundo; que nós, seres humanos, devemos amar ao próximo; que o amor isso, o amor aquilo. Em suma: o amor deve estar incrustado em tudo e em todos. Os ouvintes concordam, balançando a cabeça. Lá pelas tantas, Ele, não sei bem por que razão, fala de um sujeito que mora ali por perto e que tem várias posses e nem de longe passa fome, ao contrário da maioria. É o que basta para inflamar a todos, que logo se esquecem das palavras recém-ouvidas e saem, furiosos, com intenção de matar o próspero sujeito.

Lembrei dessa cena não por acaso. É que uma vez, no sábado entre a Sexta-feira San-

ta e o Domingo de Páscoa, li no jornal uma notícia que tinha na manchete a palavra *tragédia*. Um grupo de motoqueiros saiu antes do sol em procissão pela estrada de Morungava, Gravataí, para a tradicional colheita da macela, esse chá que, dizem, traz bons fluidos. Porém, antes de chegarem ao destino, surgiu uma van, na contramão ou não, em alta velocidade ou não, e atingiu um dos motoqueiros, causando-lhe a morte.

Para resumir a história, o motorista da van teve de ser escoltado pela polícia até uma delegacia para que não fosse linchado pelos colegas do motoqueiro morto.

Sei muito bem que nesse acidente pessoas perderam um amigo, um parente, talvez um marido, e que a revolta é quem mais rápido chega nesses casos de violência no trânsito, antes que qualquer carro com sirene. Mas me pergunto: como pode um grupo que vai participar de algo tão religioso em plena Sexta-feira Santa pensar em linchar alguém? Não é contraditório? Não deveriam todos estar imbuídos de pelo menos algum espírito de comunhão, em vez de estarem participando de tal festejo só porque ele é tradicional?

Para encerrar: há uns quinze anos, no dia do feriado de Tiradentes, vi uma charge num jornal de Caxias do Sul, onde se via um menino perguntando à mãe por que esse mártir mineiro – que, aliás, sempre nos foi pintado como sendo fisicamente parecido com Jesus – tinha morrido. A mãe, depois de pensar um pouco e chegar à conclusão de que não sabia a resposta, querendo se ver livre da curiosidade do filho, diz: “para que tivéssemos feriado no dia 21 de abril”.

E se também não foi pelo mesmo motivo que Jesus morreu e ressuscitou, ao menos se tem a impressão de que o foi. Às vezes rezo por Ele.



Gauche na vida

Quando nasci, um anjo torto que se refestelava numa sombra me disse:

– Vai, Cezar, ser *gauche* na vida!

Esquerdo; torto.
em francês.

E não coloco aspas nessas tão conhecidas palavras, porque me foi dito exatamente assim, por esse personagem. Não é, portanto, ficção, como o é no poema de Carlos.

Carlos Drummond de Andrade, poeta e escritor brasileiro (1902-1987). O poema a que o texto se refere chama-se *Poema de Sete Faces*.

Por isso tomei a revelação como verdade e tornei o revelado minha profissão.

Nos primeiros anos de vida, exerci minha função com bastante esmero e cheguei, na comunidade onde vivia, a ser deveras conhecido. Algo similar ao que acontece a um bom médico, a uma boa doceira, a um bom jogador de futebol, enfim. “Lá vai o torto”, diziam. Ou: “ô, torto!”, cumprimentavam-me.

Pode-se dizer que eu era um torto eficiente. Mas minha tortura dava-se apenas do lado direito, o que hoje me parece um paradoxo imenso, muito mais raro que “é nunca contentar-se de contente”, do famoso soneto de Luís.

Luís Vaz de Camões (1524-1580), poeta português, considerado um dos maiores poetas de todos os tempos.

Manoel de Barros
(1916), poeta
mato-grossense.

Do meu pé torto, só os dedos pisavam o chão; o calcanhar, jamais. Meus passos tinham um som parecido com os passos de um personagem do Manoel, (um poeta que mora lá para as bandas do Pantanal) e eram reconhecidos de longe: potoc, toc, potoc, toc – o potoc era o passo que dava meu pé correto. E a mão – a torta –, essa parecia não pertencer a mim, parecia de outra criança, bem mais nova que eu.

As pessoas muito me olhavam nessa época. E eu julgava que era por serem simpáticas. Mas minha mãe discordava, dizia ser outro o motivo, eu entenderia quando crescesse.

Do lar, a profissão da minha mãe. Ela limpava nossa casa como nunca fizera uma faxineira; costurava nossas roupas ou ajustava bainhas de um jeito que dona Aurora, a responsável por esse trabalho lá no bairro, jamais conseguira; e os almoços que ela preparava eram melhores que os da cantina aonde íamos aos domingos, ou seja, mais que deliciosos. Hoje, aqui em casa, todo mundo sabe direitinho – precisou dona Janda morrer – o valor da profissão dela.

Mas continuando. Como disse, minha mãe discordava. E passou a insistir para eu

trocar de ofício, deixar de ser torto. Queria algo melhor para mim, algo de futuro.

Por isso, não foi à toa que comecei a freqüentar um lugar muito estranho, onde os que lá trabalhavam vestiam-se de branco. Tinha uma gorda simpática, uma negra bem pequenina e simpática, uma senhora idosa que eu chamava de vó e que também era simpática e um rapaz bem alto que estava sempre assinando uns papéis, atrás de uma mesa – ele não me causava espécie alguma. Os adultos os chamavam de “fisioterapeutas”.

Nesse lugar, as pessoas a quem me referi pegavam minha mão e a massageavam. Depois, colocavam meus dedos num aparelho e pediam para eu fazer força: “primeiro o mindinho, depois o seu vizinho e assim por diante, tá, querido?”. Eram uns amores, mas mal davam as costas – porque eu não era o único ali precisando de atenção – e eu parava com os exercícios.

Passei alguns anos freqüentando esse lugar, três vezes por semana. O resultado: hoje, a onomatopéia dos meus passos é potoc, potoc; mas a mão não melhorou muito, parece ainda pertencer a outro.

A vontade da minha mãe para comigo, como se vê, não deu em muita coisa. Continuo sendo um torto por profissão, sendo um torto inclusive na profissão que me paga salário e que nem vem ao caso dizer qual é. Azar. Além do mais, quando um anjo, que é um ser tão celestial, te diz algo como o meu disse, a única coisa a fazer é dizer “amém!”.

Os nossos amigos

*P*ai, vejo que estás sem amigos. Dia desses, quando fomos a Rio Grande, cidade onde nasceste, enquanto me esperavas engraxar os sapatos para a formatura à qual havíamos sido convidados, o engraxate, um senhor que regulava em idade contigo, nos colocou a par do que acontecera a um sem-número de pessoas, todas conhecidas tuas.

Mariozinho faleceu há dois anos. Nunca soube parar de beber, e a mulher dele, desesperada, vendeu um terreno e a casa do Cassino para aquilo que no fim deu em fracasso. Seu Carlos foi outro: “qualquer coisa no fígado”, disse o engraxate. Provavelmente a causa também tenha sido o álcool – o filho dele agora é quem atende na loja. O Jaime, embora não tenha tido ainda tão categórico fim como os outros dois acima, encontra-se numa situação bastante irreversível: *Alzheimer*. Nem conhece a netinha, uma graça que há pouco mais de

Doença caracterizada por demência; perda progressiva de memória, da capacidade de aprendizado, de realizar atos motores e mentais; dificuldades na linguagem, no reconhecimento de objetos e pessoas e de organização e planejamento.

um ano vem pondo sorriso no rosto sofrido da avó.

Muitos outros casos ouvimos naquele átimo de tempo em que meus sapatos estavam sendo disfarçados para a cerimônia de formatura de uma nossa parente. Tanto que perdeste o jeito fácil de rir que sempre te acompanhou.

Sei que isto não te serve de consolo, mas este teu filho aqui também vem perdendo os amigos que tem. Não para a morte ou para a loucura, é verdade, mas para o casamento. Os meus amigos, pai, estão se casando, todos! Só eu continuo sendo filho, te dando ainda despesa e preocupação.

Para tu teres uma idéia, na mesma época em que o Mariozinho morreu, o Élcio, um grande camarada que tu não chegaste a conhecer, foi morar em Florianópolis com a mulher. Ele pouquíssimas vezes vem para cá e muito economicamente manda um “oi!” por e-mail. Depois foi a vez do Jorge (lembra dele?). Viajou para a Bahia de férias com a namorada e, quando voltou, não foi para onde estava acostumado a encontrá-lo. Voltou e foi morar com a (desde então) esposa. Às vezes vejo um sujeito parecido

com ele no meio dessa multidão que há no centro de Porto Alegre e corro para cumprimentá-lo, convidá-lo para uma meia hora de prosa. Mas que nada, nunca é ele! Agora, há poucas semanas, perdi outro amigo. Está morando por aí com uma moça, sei lá onde (acho que nem a mãe dele sabe). E lá se foi o Paulo...

É por isso que tu tens me visto ir dormir mais cedo, com essa cara macambúzia de ultimamente. Pouco sobrou para fazer. Eu, que sempre fui solicitado para acompanhar qualquer um deles, ou os três, numa cerveja bem gelada.

Triste; taciturno;
mal-humorado.

Teve gente que até me aconselhou a arranjar um cão, vê se pode! Mas tenho cá minhas dúvidas sobre esse negócio de *o melhor amigo do homem*. Antes um livro, que não faz cocô em lugar nenhum nem nos passa pulgas, e nem ladra no meio da noite só porque ouviu um barulhinho qualquer. Dá-se de comer ao cão; a nós, dá-nos de comer o livro. Um cão, para tarefa tão nobre, só no mato. Não concordas comigo?

Por outro lado, o pior inimigo do homem é o tempo. Mas sobre isso, pai, tu sabes bem mais que eu.

Pâncreas & literatura

Quando pequeno, lá por volta de 1980, quase morri. Nessa época posso dizer que eu era mais ou menos assim: um bom filho e ao mesmo tempo uma peste; tirava boas e más notas na escola, além de outras contradições. Minha mãe, que nunca fez questão de colocar na balança o que de ruim eu fazia, decidiu presentear-me com um bocado de brigadeiros sem que fosse meu aniversário. E comê-los foi o que bastou para eu passar algumas semanas no hospital, com o pâncreas quase que destruído, vendo meus pais diariamente ao pé da cama, ajoelhados, rezando contra o pior.

Mas se engana quem pensa que era o pâncreas o que mais me doía. Em 1980, eu estava na terceira série, e minha professora, toda quarta-feira, lia para nós um livro chamado *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon.

Doía mesmo era estar privado de ouvi-la contar uma história com a qual me identificava: a história de um menino, como

eu, diferente; como eu, recatado; como eu, alheio à maioria das atividades propostas em aula; um menino que, onde encostasse o dedo, fazia nascer uma planta. Pela primeira vez me interessava pelo objeto livro – não era mais uma bola o que esperava ganhar no Natal.

Por isso que numa manhã de quarta-feira, deitado naquele leito de hospital, acordei e me pus a chorar. Chorei a manhã inteira, deixando com dó todos os que me viam. Chorava porque sabia que a história se aproximava do final e eu ficaria sem saber.

Daí, achei que Deus (com nove anos eu ainda possuía esse tipo de fé) tinha decidido interferir no meu caso. Lá pelas duas da tarde, minha professora e quase todos os meus colegas adentraram no quarto 415 do Hospital Fátima, de Caxias do Sul. Traziam, cada um, uma cartinha desejando a minha volta o mais breve possível; estavam com saudades, beijos e abraços. É claro que o livro pelo qual tanto ansiava também tinha ido. Minha professora tirou-o da bolsa e, ao fim de um tempo que não sei precisar, já estava sabendo o final da história pela mesma voz que a tinha começado.

Desnecessário dizer que ganhei meu dia. Só chorei de novo, mais tarde, por causa de uma injeção, que nunca fui afeito a agulhas.

Tempos depois, já longe do hospital, fui presenteado com o livro *Fábulas*, de Monteiro Lobato, e comecei, dele, a ler com meus próprios olhos. Outros livros de outros autores vieram, mais tarde, fazer parte de mim.

Ler, desde então, é algo que faço com prazer maior que comer brigadeiros, e sem o perigo de uma doença. E, porque sou professor, também leio para meus alunos. É que essa gurizada de agora, mais do que no meu tempo, anda precisando de leitura.

Lembranças

*S*e tem um prato de que não gosto e nem em viradas de ano experimento é lentilha. Tenho isso como uma regra. Não comi nem a que minha mãe preparava, ela que era tão conhecedora da arte de cozinhar.

Santiago, parceiro do xadrez e das palavras, e que durante toda a vida não demonstrara habilidade nem para passar manteiga no pão, aprendeu a cozinhar. Aprendeu por conta própria. E gostou.

É para a lentilha que ele prepara, com uns temperos que nunca me lembro dos nomes, que abro aquela exceção tão comum em todas as regras.

Santiago não tem pai nem mãe. Perdeu os dois na mesmíssima semana. A mãe, que teve câncer e há muito estava no hospital, faleceu – vejam só – dois dias após o pai. Enquanto todos esperavam que um fatídico telefonema anunciasse a morte de dona Beatriz, o inesperado ligou a cobrar:

“Santiago, teu pai morreu!”, disse uma voz chorosa.

“O quê? Como assim, Luísa?”

“Ataque do coração. Só deu tempo de ele parar o ônibus.”

Não cheguei a conhecer os pais de Santiago, mas toda vez que lhe faço uma visita, seja para jogarmos xadrez ou para discutirmos um novo texto, ele dá um jeito de falar em ambos, principalmente na mãe, que era com quem ele mais se identificava. E tão seguidamente fala que é como se eu a conhecesse, eu, que só a vi no velório, dentro do esquife.

Então, numa dessas noites em que jogávamos xadrez, descobri o que deveria ser o seu grande segredo, aquele que todo grande cozinheiro deve ter. Depois de algumas partidas, ele decidiu fazer algo para comer-mos. E porque na cozinha viu algo que o fez lembrar da mãe, começou a falar nela; falava sem nenhuma tristeza, sem nenhuma dor: simplesmente celebrava-lhe a memória.

E a mãe, de tão agradecida, enquanto ele lavava um legume, sussurrava segredos culinários que só ele ouvia.

Peguei uma criança

Peguei uma criança no colo. Foi em Capão da Canoa, por volta das dez da noite de uma quinta-feira. Uma mulher chegou com os dois filhos pequenos na parada onde me encontrava querendo voltar para casa. Na verdade não era uma mulher, era uma moça, talvez nem vinte anos.

Mostrava no rosto necessidades, e me perguntou, com voz de quem precisava ser salva, se o ônibus demoraria a chegar e se passava em tal rua de Capão Novo. Respondi, com voz de quem lhe estendia segura mão, que sim, passava por lá e logo embarcávamos nele.

Mas minha voz firme não deu conta, a moça precisava de mais. Por isso, olhou bem nos meus olhos (o que me deu a impressão de que ela ignorava as outras pessoas que também se encontravam ali, inclusive a Maira) e me contou que haviam roubado sua bicicleta. “Eu tava com eles na pracinha”, disse apontando para as crianças. “Quando uma senhora me perguntou

como eu iria para casa, respondi que de bicicleta. Olhei em volta e cadê a dita!? Tinham levado”. “Puxa, que coisa!”, lamentei, sem ter muito mais o que dizer.

Daí, uma das crianças começou a chorar. Era uma menina. Tinha três anos. A mãe, automática, deu-lhe colo. O menor, de dois, nem se abalou: parecia um adulto que também esperava a condução para voltar para casa.

Quando o ônibus chegou, ela pediu (ainda ignorando Maira e demais pessoas) que a ajudasse com o pequeno. Peguei-o pela mãozinha e o fiz vencer os degraus altos do veículo. Ao entrar, perguntei ao cobrador o valor da passagem. Outra vez a necessidade apareceu no rosto da moça, e nele consegui ler isto: “olha, eu ando realmente necessitada de que alguém me pague a passagem. Juro!”. Mas ela foi metendo a mão no bolso, pagou o bilhete e sentou-se no primeiro banco em que pôs os olhos.

Sentou-se com a menina, já adormecida, e deixou o menino de pé, no corredor. Neste momento, devo dizer uma coisa: não era bem um ônibus onde estávamos, era o tal *dindinho* (um vagão com as laterais aber-

tas puxado por um caminhão barulhento). Por isso, porque senti medo de que a criança caísse no meio da rua, e porque também me deu uma bruta vontade, puxei o menino para mim e coloquei-o no meu colo.

A moça, Maira (que se incluía perguntando coisas sobre as crianças à moça) e eu nos olhávamos e sorriamos com a situação. O menino nem bola dava, parecia já estar bem acostumado com o colo alheio. E assim fui, feliz, por um pedaço do percurso, com aquela criança pequena me confortando mais do que eu a ela, até que – surpresa – a mãe decidiu descer bem antes de onde disse que desceria. Por que, não sei.

Então, entreguei-lhe a criança, nos demos tchau e ficamos, eu e a Maira, quase quietos pelo resto do caminho. Por fim, já em casa e durante algumas horas daquela noite, conversamos sobre aquele colo e sobre um filho. Acho que também sou um necessitado.



210

PRODOTTORE E EDITORE

210

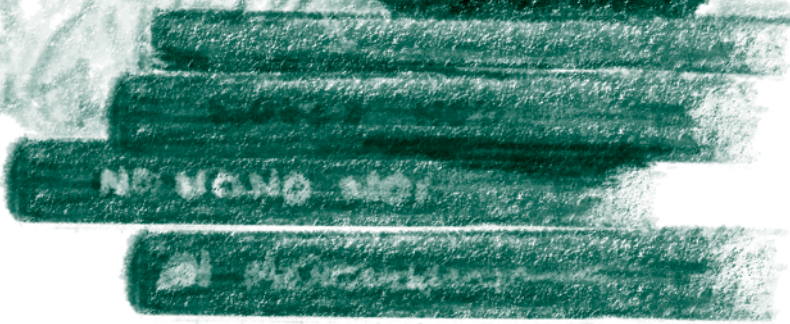
2002

Il primo capitolo del libro...



Il secondo capitolo del libro...

2002



NO MONO 2002

AL PUBBLICAZIONE

Quando o gosto pela leitura

Só no terceiro ano em que visitara a Feira é que Bruno parou para olhar os livros. Antes, não. No primeiro ano, quando tinha doze recém-feitos, ele, John Robert, Ismael e Luís Fernando reuniram-se uma tarde apenas com a má intenção de bagunçar por lá. Iriam passar correndo por entre as pessoas, derrubar-lhes as pipocas, furar os balões das crianças e mexer com as meninas que achassem – digamos assim – bonitas.

Mas a verdade é que, no meio de toda aquela multidão, Bruno perdeu-se dos guris e não quis, sozinho, pôr em prática as estripulias a que tinha se proposto. E como já estava ali e não pensava em voltar tão cedo para casa, decidiu andar assim sem rumo pelas alamedas da Praça da Alfândega. De repente podia achar qualquer coisa de interessante para fazer. E achou: viu dois malabaristas em cima de pernas de pau que, embora com os rostos pintados, reconheceu como sendo uns vizinhos de rua, irmãos mais velhos de um colega de aula. Ficou ali,

Crianças;
meninos; gurus.

vendo-os entreter uns piazinhos. Quando dava, batia um papo tímido com eles. Ao fim de um tempo, resolveu ir para casa.

No segundo ano, a Feira e ele estavam maiores, e lhe pareceu que havia mais coisas para fazer. Porque, logo que chegou, foi assistir a uma peça que encenavam num pequeno palco, perto de um relógio. Gostou que até bateu palmas. Depois, vendo os vizinhos e seus malabares outra vez ali, contou-lhes o que assistira. Trocaram com ele algumas impressões sobre o movimento e o calor. Também disseram que uma gurizada tinha aparecido por ali só para incomodar. Quando ele decidiu ir embora, deram-se um “até logo!” bem mais simpático que o do ano anterior. Em casa, contou sobre a peça e os vizinhos. A mãe ouviu com atenção; o pai, não.

Museu de Arte
do Rio Grande
do Sul.

imensa para entrar no MARGS. Teve curiosidade, mas não quis ficar esperando naquele sol. Daí, como da primeira vez, pôs-se a perambular pelas alamedas.

Quando viu, estava parado em frente a um balaios, estendendo a mão para pegar

um livro. Abriu-o e leu algo assim: “pensa que eu gosto de você?/ Pensa que você me faz falta?/ Oh, meu Deus!/ Ela pensa direitinho”. “De quem é o poema?”, perguntei logo que ele me contou isso. “Sei lá, não lembro”, respondeu. Mas disse que pegou papel e lápis da mochila e o copiou para dá-lo a uma colega de quem estava a fim.

Quando chegou em casa, contou o que pretendia com o poema. O pai o ouviu com atenção; a mãe também. No colégio, ganhou um beijo e uns arretos, uns passeios de mão e boa fama entre os colegas. Mas tenho cá minhas dúvidas se isso tudo é verdade. O Bruno, depois que pegou o gosto pela leitura, anda é inventando muita história.

Amassos;
carícias.

Ganhei o Drummond

O tempo anda se escabelando por minha causa. Aliás, o tempo e a supervisora da escola, que me pede sem sucesso aquilo que não faço idéia nem questão. Que posso fazer se na Feira do Livro ganhei a poesia completa de Carlos Drummond de Andrade? Rabiscar de novo cadernos de chamada de um primeiro trimestre que não me lembro? Tenham dó!

Vocês notaram que eu falei *ganhei* a poesia completa de Carlos Drummond de Andrade, não notaram? Pois é só sobre isso que falo desde então.

Na sexta-feira, telefonei a um amigo para dar a barbada que já me haviam dado: o livro comemorativo dos 135 anos do jornal argentino *La Nación* a cinco pilas. Meu amigo espantou-se com o preço. Teve o livro nas mãos, mas sabendo que era importado colocou-o de volta no lugar e saiu, conformado com não tê-lo. Por isso gostou muito que eu lhe tivesse telefonado. Iria sem falta pegá-lo no sábado.

No sábado ele me ligou para dizer do *La Nación* dele e perguntar se eu queria a poesia completa do Drummond. “Claro!”, respondi feliz da vida. “O que tenho de fazer?”. Disse que bastava ir à banca do MEC, entre o Santander e o Memorial, e me identificar como professor.

O livro, agora, encontra-se aqui em casa. Gosta de estar comigo. Pede-me que o abra, leia-o. Então faço as vontades dele. Ele retribui com seus versos. Ponho-o na pasta, mostro aos alunos, deixo folhearem. “Mas com cuidado! As páginas são de papel-seda. É uma edição da Nova Aguilar”, digo-lhes, orgulhoso.

E a Dona Maristela, pessoa ausente de sensibilidade, de tato, querendo que eu faça revisão num papel feio, sem graça. Vai ver se eu tô lá na esquina, Maristela!

Dona Santa Eduvirgens

*M*inha namorada, cujos olhos têm propriedade para ver o que é do mundo (flor, estrela, muro), também sabe – e muito bem – contar histórias. E, contando, ela ensina. Outro dia, à hora do almoço, aprendi que às vezes ignorar é melhor que saber, e que, ao contrário do ditado, *há benefícios que vêm para o mal*.

A avó dela, que teve quinze filhos, enquanto pariu, nunca visitou um consultório médico. Um tio-avô que ela tinha como pai era quem trazia à luz os pequenos Mancini. Contrariando as estatísticas é que seus rebentos nasceram e cresceram saudáveis. E assim ela também ia se mantendo.

Um dia, o útero, sempre tão solícito, cansou. Aproveitando-se desse descuido, um pequeno tumor começou a trabalhar no seu ardiloso intento. Primeiro, uma dorzinha surgiu aqui, depois ali, até que a matrona, preocupada, decidiu ir consultar.

Dona Santa Eduvirgens, cujo nome nada tinha a ver com o número de filhos que tive-

ra, foi, pela primeira vez, à ginecologista. A doutora, formada na capital e especializada no exterior, depois de alguns exames e da melhor maneira possível, deu-lhe a notícia: “a senhora tem um câncer em estágio avançado, Dona Santa”, falou com uma voz trêmula. Depois continuou: “Sinto muito, não há o que fazer”.

“Em casa, minha avó viveu mais duas semanas”, disse minha namorada, “e, de acordo com ela mesma, tudo porque tinha ido ao médico”.

Sobre memória & talento

*I*a começar a crônica perguntando se vocês ouviram falar desse pianista desmemoriado que os jornais noticiaram. Mas, afinal, quem não ouviu falar? O homem, encontrado numa ilha da Inglaterra em abril de 2005, não sabe quem é nem pronuncia uma palavra sequer.

A fim de descobrir qualquer coisa sobre o misterioso sujeito, os médicos deram-lhe um pedaço de papel e um lápis. O paciente não escreveu um “ai”. Para a surpresa de Deus e todo mundo, desenhou um piano. E assim, colocando-o frente ao instrumento, soube-se que ele era um excelente pianista.

Fiquei um tanto embasbacado com essa história. Na verdade, posso dizer que invejei esse indeterminado indivíduo. Porque mesmo sem saber que nome tem, não paira sobre sua avariada cabeça a mínima dúvida do que melhor ele sabe fazer. Eu, no lugar dele, também não me preocuparia em saber de nome nenhum; acho até que ficaria

com raiva de quem insistisse nesse pormenor. Mas eu sou outra história.

Então resolvi perguntar a mim mesmo o que, em caso de perda de memória, colocaria no papel para dizer “este sou eu”. É bem provável que desenhasse um livro. Imaginemos tal situação: os médicos veriam o desenho de um livro e pensariam: “ele quer ler”. Dariam para mim, quem sabe, um livro que estivesse por cima de uma mesa – digamos, um livro de Paulo Coelho.

Antes de perder a memória, se me fosse perguntado se gosto de Paulo Coelho, diria: “não, já tentei lê-lo, mas não consegui ir adiante”. Mas vá que, desmemoriado, lesse avidamente o autor de *Brida* e, tchã-nã!, gostasse. Eu, que sempre fui leitor de Hemingway, Sartre, Machado de Assis, Fernando Pessoa, Drummond, estaria condenado a não mais me reconhecer.

Já pensaram? Depois de Paulo Coelho, poderiam me dar outro livro do mesmo gênero. E lá ia eu, me perdendo cada vez mais, sendo cada vez menos eu, sem um nome e com um gosto que não queria para aquilo que sempre prezei.

Paulo Coelho, brasileiro (1947); Ernest Hemingway, norte-americano (1899-1961); Jean-Paul Sartre, francês (1930-1980); Machado de Assis, brasileiro (1839-1908); Fernando Pessoa, português (1888-1935).

Minha namorada com certeza teria mais sucesso. Não tenho dúvida de que ela, assim como o pianista, saberia desenhar algo que a definisse bem. Imagino que ela desenharia mãos dando forma a um pão e, junto, alguns ingredientes: farinha, ovos etc. Dariam tudo isso a ela, e ela se mostraria tão à vontade com a mão na massa quanto o músico sentiu-se com o piano.

É preciso não ser medíocre para poder se dar ao luxo de perder a memória tranquilamente. Eu, como já disse, estaria perdido.

Crônica de domingo

Domingo. Talvez o melhor dia para ser transformado em crônica. Muitos desconhecem que dia da semana é domingo. É o primeiro? O último? Para essas pessoas é dia nenhum. É um branco, um buraco, hiato entre o sábado e a segunda.

Não há dia mais controverso que o domingo. As crianças, dá para ver, o adoram; os adultos, na sua maioria, o detestam. E também não existe dia mais a favor do verso. Quantos poemas e quantas canções celebram esse dia!

Em inglês, domingo suscita a idéia de um dia de sol – *sunday*. Em português não sei o que significa. Talvez seja possível encontrar alguma explicação num dicionário etimológico. Sei que em italiano é uma palavra feminina – *domenica*.

Mas fato mesmo é que muitos reclamam desse dia. Não sabem o que fazer. Dizem, entre outras coisas, que não passa nada que preste na tevê. Como se o domingo fosse feito apenas para assistirmos à televisão.

Pode-se fazer muitas coisas num domingo, inclusive o que não se pode fazer de segunda a sábado. O domingo é, por exemplo, o melhor dia para mostrarmos que também somos gente, temos vida e conseguimos esquecer, pelo menos até a hora de dormir, daquelas obrigações chatas que começam cedinho na segunda.

E não é preciso de muito para tanto.

Comigo funciona assim: lá pelas dez horas pulo da cama e entro no chuveiro. Em seguida, tomo um café, volto para o quarto e leio o que me der vontade. Ultimamente tenho lido o cronista Rubem Braga e a poeta Célia Maria Maciel. E porque a inveja bate, vou até meus poemas e tento consertá-los. Não sendo possível, recorro ao Fernando Pessoa, que tem obra irretocável. Ou escuto Zé Ramalho, ou Beatles, ou Chico Buarque, ou todos eles. E canto junto. Ou coloco um disco de tango, que aí meu pai aprova.

Tangerinas;
mexericas.

Mais tarde, se houver sol, ando ao sol, e se for época de bergamotas, eu como bergamotas. Almoço, tomo o café-da-tarde e janto como em qualquer dia útil, porque o domingo também é um dia útil. E se a tevê continuar não passando nada, assisto a um

vídeo, tranqüilo, com os pés em cima da poltrona.

Enfim, as possibilidades são tantas que poderia seguir escrevendo por horas, mas tenho que acabar o texto. Minha namorada ligou confirmando o compromisso. Vou tomar banho, vestir minha melhor roupa e sair para dançar. Porque hoje é sábado.



Texto para uma saudade

Não sei bem qual foi o dia. A Maira me disse, num tom de novidade, que tinha guardado um livro de culinária que pertencera a minha mãe. E dirigiu-se, sorriso no rosto, até a gaveta onde o livro se encontrava. Mas mal o mirou, começou a chorar. Tinha visto a letra bonita da minha mãe, que escrevera o nome – *Janda* – na capa. E me disse, ainda soluçando: “ela gostava tanto de ti”. Balancei a cabeça, concordando. E, com uma imagem clara da minha mãe na saudade, contei uma história de como (quase) me perdi.

Eu tinha três anos no máximo e não sei se já morava em Caxias ou ainda em Santa Cruz, onde nasci. Sei que tinha vindo a Porto Alegre com meus pais para visitar uma tia que morava no bairro Cristal. Aquele era um lugar muito diferente para mim. Os prédios, muitos, eram todos iguais e possuíam pracinhas bem coloridas. Essas pracinhas, porém, não me chamaram a atenção; chamou-me a atenção o movimento da calçada, e para lá fui.

Estava por acaso bem embaixo de uma parada quando um ônibus encostou. O motorista abriu a porta, perguntou se eu queria dar a volta e, vendo que eu tinha gostado da idéia, estendeu-me a mão. Teria pensado que eu era um guri de rua? Duvido. Enfim, entrei – camiseta listrada, bermuda e sandálias – no *Menino Deus-Icaraí*. De parada em parada, fui até o centro; e, de parada em parada, pouco mais de uma hora após ter embarcado, voltei para a frente do prédio onde minha tia morava. “Lembro de ter gostado do passeio”, disse à Maira, que me ouvia já sem lágrimas.

Anos depois, fiquei sabendo o que tinha acontecido durante o tempo em que estive a passear de ônibus. Mãe e tia saíram para me procurar. Não me encontrando, preocuparam-se e dirigiram-se a sei lá quem perguntando por mim e me descrevendo. “Um casal entrou no coletivo com um menino assim”, disse alguém. Minha tia chorava. Chamaram um PM e disseram o que tinha havido. Minha mãe dava as informações que sabia numa aparente calma, enquanto tia Shirlei não conseguia se lembrar nem do número de telefone da sua própria casa, para o caso

de me encontrarem. Quem as via achava que minha tia era minha mãe, de tão baratinada, e minha mãe, uma amiga e só.

Mas ela me confidenciou que mantinha a calma porque tinha certeza de que ia voltar logo a me ver, que casal nenhum me levaria, quem disse aquilo se enganara. Rezava e rezava, e enquanto pedia não se permitia chorar. Até que ela me viu descer do ônibus. Aí todos entenderam quem era a mãe ali. Inclusive eu, que ganhei um abraço com uns beijos molhados do choro de dona Janda.

Alguns paradoxos

*A*ssim como encontramos em cada mentira um pouco de verdade e em cada pecado um resquício de pureza, não é raro encontrarmos na feiúra algo que nos pareça belo. E dentro de um ônibus flagrei um punhado de alegria onde ela poderia sentir-se acanhada.

A linha que serve o bairro onde moro passa, para o agrado de meus olhos, na rua mais bonita do Jardim do Salso. A rua, que tem casas de todas as cores e flores de toda sorte, tem a sorte como moradora mais querida. Mais nem ali tudo são flores. Em meio ao colorido das casas, existe uma casa sem cor, habitada por quem já poderia não ter mais expectativas.

Ontem, indo para o trabalho e tentando colocar uma meia dúzia de pensamentos em ordem, notei que uma dessas pessoas embarcara no ônibus trazendo um sorriso largo no rosto. Tal pessoa, uma senhora, de corpo não tinha menos de sessenta, embora de cabeça talvez nem oito. Para subir no

veículo, ela usava o pescoço de cabide para a bengala e, de bengala, o corrimão que há na porta.

Dos pés à cabeça, nenhum movimento tinha sincronia. Mas não faltava beleza naquela feiúra, alegria naquela tristeza nem verdade naquilo que só poderia ser mentira. Era ainda cedo quando senti que meu dia estava salvo: eu, que me acreditava pessimista de carteirinha, melancólico de nascerça e niilista até a morte.

O niilismo é uma corrente filosófica que considera a existência humana desprovida de sentido.

Gestos

O menor gesto que fazemos pode influenciar no andamento do universo. E não falo somente de gestos humanitários, como dar carinho a uma criança, comida a um faminto ou teto a um desabrigado. Falo de qualquer gesto, o mais banal. Quem afasta, por exemplo, uma mecha de cabelos caída sobre os olhos pode arrebatrar um coração, deixar quem está indo a rumo certo sem norte e sem sul.

Pensei nisso depois que um amigo me contou uma história. Andava ele pela Rua da Praia, numa tarde de folga. Dava alguns passos e entrava numa livraria, avançava mais um pouco e parava em frente a uma vitrine. Estando assim, sem muito que fazer, olhou para o corpo de uma mulher, mais especificamente para o decote de um vestido primaveril. A mulher, que não estava só, notou; o companheiro, que não era bobo, também; e meu camarada, que sabe não se importar, seguiu adiante, parando em frente a vitrines, entrando em livrarias, até chegar

ao bar onde nos encontramos e me deixar a par do assunto.

Passadas duas ou três cervejas e umas boas risadas, começamos a imaginar o que teria acontecido à moça, dona do decote.

O namorado pode ter largado a mão dela e dito que todo mundo a estava olhando, que ele não gostava que ela usasse aquele vestido, parecia uma vagabunda. Ela pode tê-lo chamado de idiota, o que ele estava pensando, vagabunda não! Cada um pode ter seguido seu caminho. Eles, que iam para o mesmo, para a casa dele, fazer amor. Agora, talvez, nunca mais.

Outro desfecho é possível. O rapaz segurou firme a mão da namorada e a trouxe para mais perto de si; ela deu um olhar malicioso – ou lânguido – para ele, dobraram na Borges, entraram num táxi e foram à casa dele; tiraram a roupa, beijaram-se na boca e deram ao flerte de meu amigo uma utilidade melhor: fizeram amor como nunca.

Tudo hipóteses. De qualquer maneira ninguém fica indiferente a um gesto. E assim o mundo segue a dar voltas, sem que isso tenha nada a ver com os movimentos de rotação e translação.



As vidas de Fred

Quantas vidas têm os gatos? Há quem diga que eles têm nove, há os que dizem que são sete. Eu, como não sei, não me arrisco a dar um palpite. Depois que este negócio formado por pai, mãe e irmãos, e que costumamos chamar família, se dissipou, nunca mais me interessei por bichos de estimação, principalmente gatos. Posso até lhes fazer uma festinha, desde que não me pertençam.

Mas houve um tempo em que tive, junto com minha irmã, um gato. Um gato cinza, bonito; uma mistura de angorá com outra raça de nome estranho. É graças a esse bichano que tenho para mim que nenhum animal de estimação é demasiadamente esperto, senão não aceitariam viver numa família como a nossa.

Eu e minha irmã não o poupávamos. Nós o tínhamos como se fosse, para ela, uma boneca preferida ou, para mim, um inimigo prestes a invadir o forte, o que muitas vezes o obrigava a interpretar personagens por quem ele não demonstrava muito apreço.

Cauda dos
animais; rabo.

Às vezes ele preferia não atuar. Quando isso acontecia, não desanimávamos, fazíamos dele uma cobaia. E como ele se prestava para tudo! Depois que cansamos de fritar formigas ao sol com uma lupa, passamos a fritar o infeliz felino. Não era difícil convencê-lo. Sob o pretexto de fazer carinho, mantínhamos o Fred no colo, enquanto um de nós mirava um fiapo de raio de sol na *almofadinha de uma das patas, na cola* ou numa das orelhas do coitado. Só quando queríamos é que ele conseguia se ver livre.

Freqüentemente;
repetidas vezes.

Um dia fomos flagrados pelo pai. Daí começamos a pegar mais leve. Acho que aquele gato pensou que viveria em completo sossego. Enganou-se. Tempos depois, depois que o pai aliviou na vigilância, convenci minha irmã de que deveríamos averiguar a história de que gatos caem sempre de pé. Para sorte não do gato, morávamos numa casa de dois andares. Bom, todos sabem que experiências, para terem crédito, *devem ser testadas amiúde*. E é batata, gatos caem de pé, sempre.

Vocês devem estar pensando que éramos maus. Talvez. Mas acho que éramos apenas crianças levadas demais. E nunca

pensamos que nosso bichinho não gostasse da gente. Ao contrário, porque sempre que o chamávamos (psh, psh, psh), ele vinha.

Numa noite, no entanto, não adiantou nem bater o talher no pires (sinal de comida) para ele vir. Àquela hora, todos apostavam que, se ele ainda não tinha voltado, não mais voltaria. Antes de ir para cama, porém, resolvi dar uma última chance ao Fred. Abri a porta que dava para a rua e ouvi, um tanto ao longe, os gritos desesperados de nosso gato. Peguei o pai e a lanterna e fomos em direção a um bueiro. Mas quando chegamos, já não se podia fazer mais nada: ele tinha se afogado.

E porque nos outros dias ele não apareceu lá em casa, concluímos que aquele bichano havia perdido a única vida que nós não lhe tiramos: a última.

Crônica (quase) policial

*P*assa uma mulher por mim. Vem sorrindo pela rua, com os filhos a sua volta, um bando. Acho a cena bonita, mesmo assim me faz lembrar – ô, memória! – de uma coisa feia: um crime ocorrido em Viamão, alguns anos atrás.

Um rapaz de 18 anos, depois de rejeitado pela companheira de 36, matou, por vingança, cinco filhos dela – dois meninos e três meninas – e feriu gravemente a mais velha.

As crianças, com idades entre 2 e 9 anos, foram atacadas a faca, enquanto a mãe trabalhava; isso é, o assassino confesso aproveitou-se da ausência da mãe e da confiança ingênua de suas vítimas para pôr em prática o que tem de menos humano. O alegado motivo – o que de mais humano temos: o amor. Esse rapaz não soube lidar com o amor. Ou talvez eu esteja enganado, talvez ele não tenha sabido lidar com o que, em muitas pessoas, o amor provoca: um sentimento exagerado de posse.

Acho as proibições perigosas, mas penso que não deveria ser permitido a quem ama – na verdade, não deveria ser permitido a ninguém, mas sobretudo a quem ama – ter acesso a tão grave crime. O coração deveria possuir um dispositivo automático que, ao menor sinal de perigo, bombeasse para todas as veias tino suficiente para expulsar, via poros, tal sandice; ou, quem sabe, alguma válvula que fizesse o corpo paralisar-se para que, durante o tempo necessário, a voz interior que todos nós deveríamos ter para este fim recitasse poemas de amor de Drummond e de Vinícius de Moraes ou cantasse as canções de Tom Jobim e de Chico Buarque. Coisas que não existem!

Agora, fico me perguntando: terá aquela mãe se salvado da *vida* que lhe foi legada? Como ela faz para sobreviver com decência à perda não de um filho, o que já seria uma tragédia, mas à de cinco, e tão pequenos?

E qual punição daria conta de tamanha violência cometida pelo ex-companheiro? A vida passada numa cadeia, onde a cada dia só se piora? A morte, que descarta de modo definitivo qualquer chance de redenção, além de não trazer de volta nenhuma das

Nome imaginário
que um autor
utiliza para
escrever obras
com qualidades
e tendências
literárias
diferentes
das suas.

crianças? A degradação moral do assassino a ponto de ele mesmo não se reconhecer mais gente e a mãe ter consciência do que sofre o algoz dos seus filhos? Acho que nenhuma, acho que nem todas juntas.

Mas o sábio poeta Fernando Pessoa, sob a pena do seu heterônimo Alberto Caeiro, escreveu: “haver injustiça é como haver morte”. E parece que sempre será assim.

Olhos de escritor

Luiz Filipe Varela, um contista daqui do Sul, disse, num programa de tevê, que é preciso sempre andar por aí com olhar de escritor, para que qualquer imagem possa transformar-se em texto. Um bom amigo que tenho foi quem me contou isso.

Foi assim: eu estava em casa, metido numa de minhas tarefas domésticas e tentando pensar num ditado para uma outra boa amiga agregar a sua recente coleção, quando o telefone tocou. Era o Jorge, contando o que acabo de escrever no primeiro parágrafo. Ao ouvi-lo, lembrei de – pois uma coisa leva à outra – “o pior cego é aquele que não quer ver”, que anotei num pedaço de papel.

Depois, nos perguntamos se saíamos de casa sempre com nosso olhar de escritor. Ele disse que sim, “não há como ser diferente”. “É mesmo”, concordei um pouco envergonhado; e, enquanto o escutava, fiquei me penalizando em silêncio por fazer tão pouco uso dos meus olhos para esse fim.

Técnica de iludir
o espectador
com truques
que dependem
especialmente
da rapidez
e agilidade
das mãos;
ilusionismo,
mágica.

Olhos de escritor em desuso perdem o foco, atrofiam; e aí sabe-se lá se têm jeito.

Por isso, decidi resgatar da memória algo que presenciei poucos dias antes. Sem nenhuma edição, a cena é esta: um menino de rua está numa esquina, à espera de um sinal vermelho. Em uma das mãos, tem uma calota de carro, que usa como um malabarista; na outra mão, que também sabe prestidigitar, tem dedos que pescam trocados. Parado na sinaleira perpendicular, o ônibus em que estou espera o sinal verde. Olhando para o menino, pergunto-me que idade terá – é difícil adivinhar a idade dessas crianças. Chega para o ônibus o sinal verde; para o menino, chega o vermelho. Antes de perdê-lo de vista, vejo-o inteiramente só, no meio da rua. Equilibra a calota num dedo, como pandeiro. Olha para frente: nenhum carro vem. Meu ônibus vai.

A cena do menino me acompanhou até em casa e mais um pouco, como se ele ainda estivesse esperando. Como se um ator, depois de abertas as cortinas, já pronto para encenar a peça, visse que a platéia não apareceu e, por isso, distrai-se com uma cenográfica bengala.

Vou tentar uma coisa. Sei bem que o que vi dá uma boa história. Vou tentar conciliar o que vi com meus presumíveis olhos de escritor com minha presumível habilidade de escrever. Mas como não acho maneira de começar, vou lavar a louça, pôr em ordem meu armário e esperar surgir uma idéia.

Quem espera sempre alcança?



O enforcado

Estava lendo no ônibus *O Continente 1*, primeira parte da trilogia *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo. Lá pela página 194, o narrador fala de uma figueira na qual Bibiana brincava quando criança e onde encontrou enforcado, num dos galhos da árvore, um tal de Inocêncio Carijó. A cena foi descrita desta maneira: “fora ela a primeira a ver o corpo, de manhãzinha. A princípio pensou que o homem estava brincando de se balançar. Aproximou-se dele e quando lhe viu a cara soltou um grito. Inocêncio estava completamente roxo, de língua de fora e olhos saltados das órbitas”.

Nessa parte fechei o livro e comecei a lembrar de um rapaz que conhecia e também se enforcou numa árvore. Não nos víamos há tempo; ele, como eu, tinha nascido em Santa Cruz, e seu pai era amigo do meu. Se não me falha a memória, parece que chegamos a brincar juntos algumas vezes.

Pessoa que sofre de esquizofrenia, grave doença mental que se caracteriza por alterações do pensamento, alucinações, delírios e perda de contato com a realidade.

Nicolau era um guri quieto, cheio de manias. Minha mãe disse que ele era esquizofrênico. Também contou que ele só usava camisas com todos os botões fechados e que não parava de arrumar a cama até que as cobertas estivessem bem esticadas.

Um dia meus pais foram num churrasco no sítio onde o Nicolau morava. Era na primavera de 1988. Quando voltaram, disseram que ele havia se matado. Quem o encontrou foi meu pai, que, após comerem, tinha saído para caminhar e conhecer a propriedade que o amigo comprara a fim de dar um pouco de paz à família. “O guri, meu filho, tava pendurado e com a língua de fora”, disse meu pai. “Saí correndo, mas queria não chegar onde os pais dele estavam. Foi uma tristeza tirar o Nico dali”, concluiu.

Quando essa lembrança deu uma folga no meu pensamento, olhei pela janela e vi que a parada onde deveria descer ia ficando para trás. Dei sinal e desembarquei na outra. Vim para casa com a idéia de transformar o que lembrara nesta crônica, para, depois, abrir novamente o livro e continuar a leitura da história que consagrou Érico Verissimo.

Escritor gaúcho (1905-1986).

Entrevista com o autor

Quando você começou a gostar de ler?

CEZAR – Comecei mesmo só depois de adulto, na faculdade, cursando Letras. Um dia vi que se não procurasse ler teria que desistir do curso. Então pedi a um amigo que me indicasse uns livros. Ele me mostrou Ernest Hemingway, Jean Paul Sartre, J.D. Salinger e outros mais. E me falou tão bem dos livros que li um atrás do outro, com vontade. Hoje, felizmente, leio todos os dias, sem preguiça. Quando criança até gostava que lessem para mim. Minha mãe, antes de eu ser alfabetizado, lia os gibis, e eu adorava.

Como você começou a escrever?

CEZAR – Comecei a escrever porque comecei a ler. Quando conheci a obra de Fernando Pessoa, fiquei impressionado e comecei a escrever poemas exageradamente influenciados por ele. No início, ficava orgulhoso. Só um tempo depois que achei minha própria voz e consegui deixar o Pessoa em paz.

Como nascem suas histórias e seus personagens?

CEZAR – Minhas histórias e personagens nascem de várias maneiras: de uma frase que leio e que me dá uma idéia; de uma conversa que ouço em qualquer lugar; de alguém que me pede “escreve sobre tal coisa”. Muitas das histórias, porém, saem de situações bem reais que vivi, eu só as “distorço” para que não se tornem simples relatos. E é meio que uma regra eu só começar a escrever se souber – ou pelo menos imaginar – como vou acabar a história.

Que lugar a leitura ocupa em sua vida?

CEZAR – Leitura para mim significa prazer, lazer, diversão, mas também significa conhecimento, bagagem, não ser tão limitado. Posso dizer que a leitura ocupa minha vida inteira. Trabalho com leitura, passo meu tempo livre lendo ou pensando em algo para ler e estou sempre conversando com minha namorada e amigos sobre livros.

Além de escrever, o que você também gosta de fazer?

CEZAR – Gosto de ouvir música, prestando atenção à letra e à melodia. Pegar um ônibus e ir até uma outra cidade também me deixa feliz. E também gosto de ter tempo para conversar com os amigos, ir ao cinema, a um bar.

Leitura e cidadania

A leitura torna mais vasto o mundo de quem lê. Também desperta a sua imaginação e você ganha condições de aprender e desenvolver seu senso crítico e cultural. Quanto mais livros você ler, mais aumenta o prazer de ler, mais alegrias você terá com a leitura. Com isso, todos ganham, você, a sua família, a sua comunidade e a sociedade em que você vive.

Pelo Brasil afora, muita gente tem trabalhado para estimular a prática e o acesso ao livro e à leitura. Projetos, programas e ações que envolvem todos: governos, universidades, escolas, empresas, ONGs e os cidadãos. Todas as propostas fazem parte do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL, do Ministério da Cultura. Um dos objetivos desse empreendimento é fazer funcionar bibliotecas públicas em todos os municípios brasileiros.

É na biblioteca que você vai encontrar apoio para seu desenvolvimento pessoal e educação formal. Além disso, nesse espaço você vai poder conhecer sobre a herança cultural do seu povo, vai ter a oportunidade de

tomar apreço pelas artes e pelas realizações da humanidade.

Visite uma biblioteca, pergunte ao bibliotecário como é que ela funciona e como você pode ter livros emprestados. A biblioteca pública é de todos e para todos.

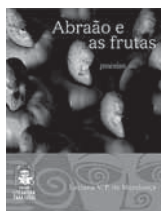
Mais informações sobre esta obra

As crônicas de *Tubarão com a faca nas costas* são subjetivas, falam de sentimentos e sensações e proporcionam uma análise da própria condição humana. Para transmitir a sutileza desta narrativa, a artista plástica Tati Rivoire recorreu a um tracejado de linhas finas, paralelas e muito próximas umas das outras, que produz um efeito sombreado.

A técnica utilizada para compor as ilustrações foi totalmente inovadora. Os desenhos foram feitos diretamente no computador. A proposta da artista foi obter o efeito do lápis de grafite e de lápis de cor sobre o papel branco, com riscos coordenados e delicados.

O resultado são seis imagens que conduzem o leitor a uma viagem íntima, pessoal e intransferível. A dramaticidade da lâmina do título, a exatidão do anjo torto, o lirismo da saudade de mãe e das travessuras da infância e a paixão pela leitura ilustram estas crônicas.

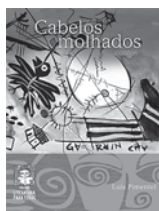
Outros livros desta coleção



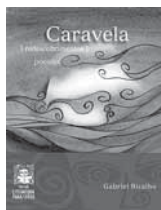
Poesias



Tradição oral



Contos



Poesias



Contos



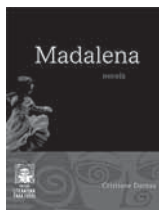
Poesias



Teatro



Biografia



Novela

Produção gráfica e editorial

SUPERNOVA PROJETOS EDITORIAIS

Coordenação de produção

Cristina Guimarães

cristina@supernovadesign.com.br

Projeto gráfico e capa

Ribamar Fonseca

ribamar@supernovadesign.com.br

Projeto editorial, edição e revisão do texto

Alessandro Mendes e Iara Vidal

alessandro@azimutecomunicacao.com.br

iara@azimutecomunicacao.com.br

Ilustrações

Tati Rivoire

tati@tatirivoire.com.br

Editoração eletrônica

Fernando Alves

fernando@supernovadesign.com.br

Auxiliar de produção

Adriana Mattos

adriana@supernovadesign.com.br

O papel da capa é o Duo Design 240g/m² e o papel do miolo é o Pólen bold 90 g/m². A fonte de texto é a Versailles, corpo 11,5 pt, projetada por Adrian Frutiger em 1984, serifada, baseada nos tipos franceses desenhados no século 19. As notas explicativas laterais foram retiradas dos dicionários da língua portuguesa Houaiss e Aurélio e informações dos autores.

Impresso pela Gráfica e Editora Brasil para o Ministério da Educação em novembro de 2006.

Do meu pé torto, só os dedos pisavam o chão; o calcanhar, jamais. Meus passos tinham um som parecido com os passos de um personagem do Manoel de Barros (um poeta que mora lá para as bandas do Pantanal) e eram reconhecidos de longe: potoc, toc, potoc, toc – o potoc era o passo que dava meu pé correto. E a mão – a torta –, essa parecia não pertencer a mim, parecia de outra criança, bem mais nova que eu.

As pessoas muito me olhavam nessa época. E eu julgava que era por serem simpáticas. Mas minha mãe discordava, dizia ser outro o motivo, eu entenderia quando crescesse.

Ministério
da Educação



LITERATURA
PARA TODOS